

Um dia de campo e lazer na Cachoeira Vale do Cedro (Distrito de Riverlândia/Rio Verde/GO)

Un día de ocio y campo en la Cachoeira do Vale do Cedro (Distrito de Riverlândia/Rio Verde/GO)

One leisure and field day in Vale do Cedro Waterfall (Riverlândia District/Rio Verde/GO)

Jean Carlos Vieira Santos

Prof. do Curso de Geografia da UEG-Câmpus Quirinópolis
Pós-doutor Programa de Turismo da Universidade do Algarve/Portugal
svcjean@yahoo.com.br

Mircéia Noberta da Silva

Graduada em Geografia pela UEG-Câmpus Quirinópolis
mirceia.noberta@hotmail.com

Resumo

Este artigo objetiva apresentar uma leitura do lugar conhecido como cachoeira do vale do Cedro, no rio Cabeleira, nas proximidades do distrito de Riverlândia, município de Rio Verde (GO). São analisadas as atuais condições da área de lazer, a partir do trabalho de campo realizado com os acadêmicos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus Quirinópolis. A pesquisa tem como ponto de partida a discussão conceitual da categoria geográfica lugar, na dimensão centralizadora que visa integrar o debate proposto à realidade encontrada na paisagem cênica investigada. O trabalho utiliza os métodos analítico e estudo de caso. Os caminhos metodológicos adotados para o desenvolvimento do trabalho consistem nas seguintes etapas: revisão bibliográfica sobre a categoria de análise geográfica lugar e os conceitos trabalho de campo e lazer; trabalho de campo; e levantamento fotográfico.

Palavras-chave: Sudoeste Goiano; Paisagem Cênica; Geografia; Lugar de Lazer.

Resumen

En este artículo se presenta una lectura del lugar conocido como cachoeira do vale do Cedro, en el río Cabeleira, cerca del distrito de Riverlândia, Rio Verde (GO). Son analizadas las condiciones actuales de la zona de ocio, en acuerdo con el trabajo de campo llevado a cabo con estudiantes de Geografía de la Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus Quirinópolis. La investigación tiene como punto de partida la discusión conceptual de la categoría geográfica lugar en la dimensión centralizadora que tiene como objetivo integrar el debate propuesto a la realidad que se encuentra en el escénico paisaje investigado. El trabajo utiliza los métodos analítico y estudio de caso. Los enfoques metodológicos adoptados para el desarrollo de la obra constan de los siguientes pasos: revisión de la literatura en la categoría de la análisis geográfica lugar y conceptos de trabajo de campo y de recreación; trabajo de campo; y pesquisa fotográfica.

Palabras-clave: Sudoeste de Goiás; Paisaje Escénico; Geografía; Lugar de Ocio.

Abstract

This article presents a reading of the place known as cachoeira do vale do Cedro, in Cabeleira river, nearby Riverlândia district, Rio Verde (GO). The current conditions of the recreation area are analyzed, by the fieldwork conducted with students of Geography from Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus Quirinópolis. The research initiates by the conceptual discussion of the geographical category place in centralizing dimension that aims to integrate the debate proposed to the reality found in the scenic landscape investigated. The work uses the analytic and case study methods. The methodological approaches adopted to develop the work consist on the following steps: literature review on the category of geographical analysis called place and the concepts fieldwork and recreation; field work; and photographic survey.

Keywords: Southwest of Goiás; Scenic Landscape; Geography; Leisure Place.

Introdução

Este ¹artigo objetiva apresentar uma leitura do lugar conhecido como cachoeira do vale do Cedro (mapa 01), no rio Cabeleira, nas proximidades do distrito de Riverlândia, município de Rio Verde (Goiás). Serão analisadas as atuais condições da área de lazer, a partir do trabalho de campo realizado com os acadêmicos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus Quirinópolis. A pesquisa tem como ponto de partida a discussão conceitual da categoria geográfica lugar, na dimensão centralizadora que visa integrar o debate proposto à realidade

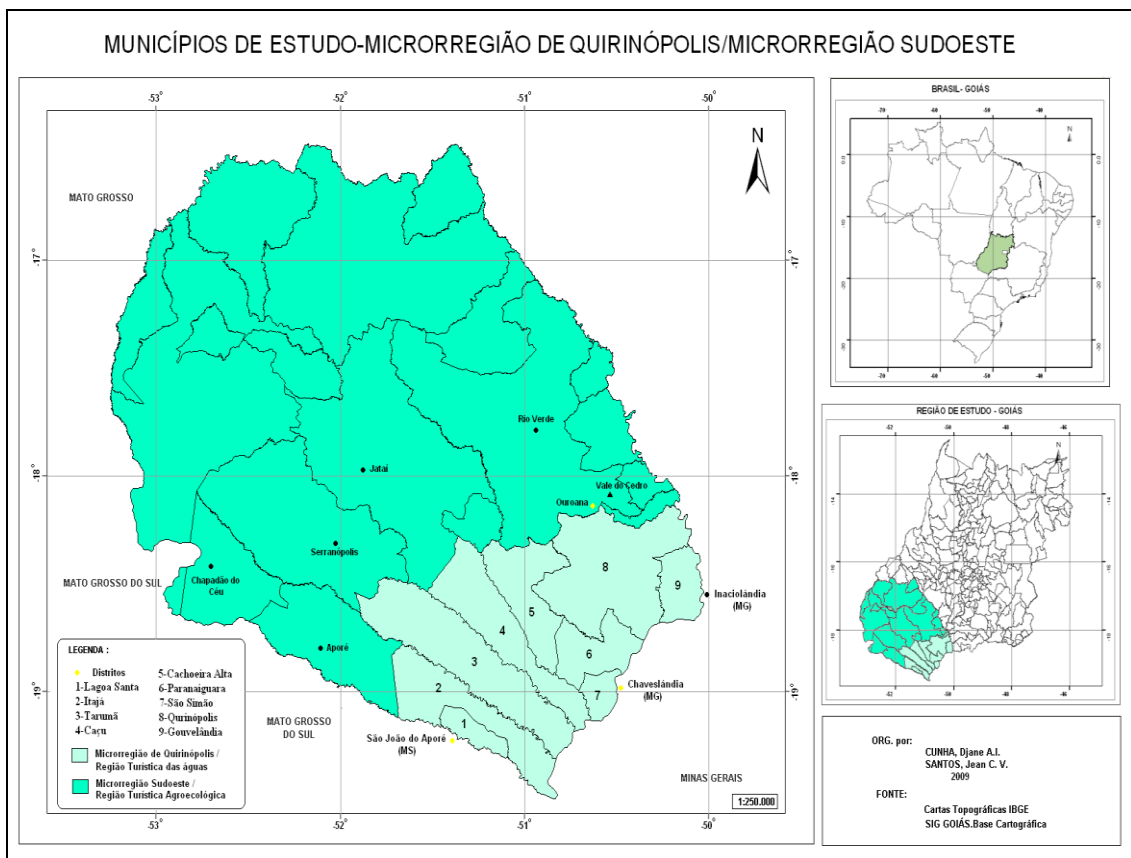
¹ Esta investigação traz parte dos resultados do Projeto de Pesquisa (2012-2017) intitulado *Paisagens Cênicas, Atrativos Culturais e Atores Sensibilizados: trinômio importante para o desenvolvimento da atividade turística*, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Goiás (UEG – Unidade Universitária de Quirinópolis).

encontrada na paisagem cênica do rio Cabeleira. O recorte de estudo está localizado na microrregião sudoeste goiana.

Desse modo, fundamentado em Boaventura, o artigo utiliza os métodos analítico e estudo de caso, pois se entende que há uma relação próxima entre eles. O estudo de caso representa um considerável efeito prático, empírico e indutivo de pensar e praticar, sendo um instrumento didático, pois a aprendizagem se centraliza passo a passo. Vale ressaltar que ele consiste na observação detalhada de um contexto, indivíduo ou de um acontecimento específico (BOAVENTURA, 2007, p. 119-125).

O método:

[...] analítico é realizado por intermédio da leitura do vivido e dos aspectos percebidos durante os trabalhos de campo, ou seja, observações empíricas são fundamentais na construção da pesquisa analítica, a fim de se compreender os aspectos naturais e humanos e limitações de cada lugar (SANTOS, 2010, p. 27).



Mapa 01: Município de Rio Verde (Vale do Cedro) em Goiás.
Organização: Jean Carlos Vieira Santos e Djane Cunha.

Os caminhos metodológicos adotados para o desenvolvimento do trabalho consistem nas seguintes etapas: na primeira, fazemos uma revisão bibliográfica sobre a categoria de análise geográfica lugar, trabalho de campo e lazer, com vistas a conhecer suas partes conceituais; a segunda consiste no levantamento das referências que abordam os aspectos físicos do lugar pesquisado; e a terceira consiste na realização do trabalho de campo.

Santos (1999, p. 120) diz que o trabalho de campo:

[...] não se limita apenas a ouvir as pessoas; ao sentido que elas dão as coisas; ao terminado. A importância do empírico é promover contato, ou seja, é a análise voltada para as tendências de interpretações que os pesquisados promovem do mundo, num movimento dinâmico orientado pelas determinações sociais do seu lugar.

Desse modo, o campo é um recurso muito importante e útil para a academia desvendar as lógicas sociais que operam em cada lugar. Mostrando “a importância de valorizar o espaço, da a sua amplitude [...]” (SANTOS, 2013, p.19). Por meio do empírico há as entrevistas, as observações e o levantamento fotográfico, que, segundo Santos (2010, p. 30):

É um olhar que transpassa as aparências e busca fazer história com intensidade, por intermédio da documentação detalhada e reconhecidamente singular, moldando, nos seus quadrantes, as particularidades e diferentes lógicas regionais repletas de informações e inseridas no texto desta investigação, proporcionando uma intimidade da parte escrita com o objeto de estudo.

Nesse contexto apresentado, pode-se destacar as palavras de Santos (2010, p. 26). O autor diz, em sua tese, que negar ou mesmo omitir o referencial teórico, conceitual e os domínios da metodologia e das técnicas é negligenciar os domínios que servirão de ponto de partida e de etapas a serem percorridas.

Conceitos da pesquisa: da categoria de análise geográfica ao lazer

A proposta de se discutir a categoria geográfica lugar surgiu após a realização do trabalho de campo na cachoeira vale do Cedro, considerado pelos investigadores o melhor caminho para alargar o debate aqui proposto. Diante disso, Santos (2010) arrazoa que construímos as nossas representações de mundo a partir dos lugares.

Ao perseguir esse caminho teórico, Santos (1999, p. 111-121) considera o vivido “[...] como resultado de fatos que elevam o lugar como pertencimento, como uso do real”, isto é, “[...] o lugar como sendo a expressão de relações em que emerge o vivido, porque é nele que ocorre a unidade da vida social; seguramente, estaremos em condição de não banalizarmos as diferenças”. Nesse contexto, Brandão (1998, p. 14) destaca que às vezes:

[...] o meu desejo de amor por conviver com esses traços da vida sobre os cenários do mundo é tão persistente, que penso que as estradas e trilhas de terra dos sertões de meus tempos são os lugares onde eu sempre vivi. Assim como os lugares até onde cheguei, percorrendo-as a pé ou por outros meios, foram apenas os caminhos que tomei para chegar a elas.

De fato, tal discussão da categoria lugar se torna importante nesta pesquisa geográfica, pois traz elementos que dão vida aos locais de diversão e entretenimento. Por conseguinte, ele mostra que a busca pelo lazer está associada ao vivido, e não simplesmente aos elementos cênicos da paisagem. Para Rodrigues (2000, p. 112):

[...] a montanha, a natureza exuberante ou a “paisagem” natural converte-se em um cenário onde os cidadãos buscam reencontrar valores eliminados da vida cotidiana pelo progresso. [...] Não restam dúvidas de que os turistas compram ilusões ou o que imaginam que o lugar escolhido para passar as férias possa oferecer.

A obra citada vai definir o lugar como o que possibilita reencontrar valores eliminados da vida cotidiana, ou seja, o retorno a uma vida estereotipada que o processo avassalador de urbanização e expansão capitalista do agronegócio não tem condições de conservar. Resumidamente, a categoria geográfica eleita define o contorno do nosso objeto de estudo ao buscar compreender a relação entre comunidade local, lazer e educação.

Esse foco mostra a necessidade de disseminar os lugares e seus desdobramentos, mostrando a moradores e visitantes a importância de conhecer, apresentar e analisar o banho de cachoeira no rio Cabeleira como atividade de lazer, que promove uma nova dinâmica no espaço rural do município de Rio Verde, Goiás. Todavia, é preciso ter cuidado para não perder a cultura dos sujeitos de base local.

Na busca pelo conhecimento do lugar de lazer, há de se conferir que nos locais de visitação existe um (re)ordenamento no sentido de atender frequentadores exógenos, com uma infraestrutura mínima de receptividade. Mas no caso da cachoeira

do vale do Cedro, o acesso ao atrativo não promove as mudanças citadas por Braconaro (2011, p. 29), como a “[...] receptividade nas propriedades rurais, dando início à pluratividade e à urbanização do rural”.

Percebeu-se, durante o trabalho de campo realizado pelos acadêmicos do curso de geografia da UEG – Unidade Quirinópolis, que o banho de cachoeira representa uma alternativa de lazer para os moradores, sobretudo do distrito de Riverlândia (Foto 01), pois nesse lugar não existe um clube social, fazendo com que cidadãos urbanos se desloquem para o meio rural. Diante disso, concorda-se com Dumazedier (1976, p. 27-32) e Santos (2010, p. 150), que definem o lazer como oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana.



Foto 01. Distrito de Riverlândia. Considerado um espaço urbano de tempo lento, se comparado com a sede de município, ou seja, a cidade de Rio Verde.
Fonte: Trabalho de Campo. Autor: Vieira Santos, J. C. 2014.

É necessário salientar que o lazer só é praticado e compreendido pelas pessoas que o praticam, segundo uma dialética da vida cotidiana em que todos os elementos se ligam entre si e reagem uns sobre os outros. Para Dumazedier (1976), “alguns estudiosos negam” que seria possível estabelecer uma distinção das atividades

no meio rural entre o trabalho e o lazer, pois, em certas regiões, o trabalho nunca acaba. Para Santos (2010, p. 56), o lazer surge da:

Necessidade de descanso físico e psíquico face às exigências de uma atividade profissional cada vez mais intensa; fuga ao *stress* cotidiano e à rotina dos mecanismos repetitivos da vida; desenvolvimento de novos contatos sociais; valorização individual, através do conhecimento de outros espaços e culturas.

Nesses termos, Braconaro (2011, p. 123-124) pondera que o “[...] lazer enseja valores, conteúdos e significados que são associados à natureza e ao rural”. Desse modo, o deslocamento de pessoas do meio urbano para uma cachoeira no espaço rural passa pelo entendimento do sentido dado pelos homens à natureza. Assim, é possível compreender que as paisagens hídricas presentes no âmbito rural são valorizadas pelos visitantes que ali desfrutam do tempo livre. Entende-se que os elementos das paisagens:

[...] tais como vegetação, córregos, rios, represas, cachoeiras, o silêncio, a sombra, a monotonia e movimento, fauna e flora são percebidos e valorizados em função do vivido em um ambiente cujas características diferem dos percebidos no ambiente rural (BRACONARO, 2011, p. 130).

Portanto, a fuga do ambiente urbano e a busca da tranquilidade possibilitada pelos usos dos lugares e elementos constituintes do espaço rural tornam-se uma compensação psicológica permitida pelo lazer e pela diversão num ambiente dicotômico do meio urbano de Riverlândia/Rio Verde, de outras cidades da região e até mesmo do bioma Cerrado. Conforme Dumazedier (1976, p. 34-35), o lazer é:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo que pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

As formas físicas regionais, como a cachoeira do vale do Cedro, também podem nos ajudar a compreender os usos dos espaços de lazer e os ordenamentos dos lugares, “[...] pois, favorecidos por solos, geomorfologia e clima” (SANTOS, 2010, p. 104), os sujeitos locais criaram relações sociais que proporcionaram o surgimento de lugares de lazer. Nessa perspectiva, tendo como base de sustentação os recursos naturais, compreendemos que foi a partir do cotidiano humano que se desenvolveu a

ocupação dos lugares para ampliar o lazer e o entretenimento, aspectos que apropriam e condicionam a diversão em áreas como a cachoeira do vale do Cedro.

O lazer em áreas naturais, como o vale do Cedro, pode ser explicado pela necessidade de as famílias locais buscarem ambientes de descanso nos finais de semana. Ocorre, porquanto, uma interação dos membros familiares com as paisagens cênicas. Rodrigues (2000, p. 112) percebe “[...] que esse movimento de vivenciar a natureza no meio rural possui relação com a busca individual do autêntico, da paz, do equilíbrio pessoal”.

Para encerrar essa reflexão, porém consciente do não esgotamento das temáticas lugar e lazer, são destacadas as palavras de Santos (2004, p. 114-115), que discorre que um dos principais problemas ambientais no entorno das áreas de lazer é a falta de conscientização de alguns usuários que buscam tais áreas nos finais de semana e feriados.

O principal impacto ambiental produzido por esses usuários é a quantidade de lixo que eles deixam nos locais de lazer e diversão. Muitos visitantes não têm a consciência de que quem leva o lixo para esses locais tem que trazê-lo de volta para sua cidade de origem, pois no local não existem sistemas de coleta. Outro aspecto que não desperta interesse e consciência no usuário é que o local é um atrativo regional, e como ele já tem poucas opções de lazer, deveria ter a preocupação em cuidar deste, que vai ser utilizado com a mesma finalidade outras vezes. O problema nessas áreas não fica restrito ao lixo, pois é possível perceber queimadas ou fogões improvisados nos troncos das árvores, destruição da vegetação local e outras degradações em escala menor (SANTOS, 2004, p. 115).

Devido aos fatores apresentados, pode-se dizer que o lazer na cachoeira do vale do Cedro comporta um conjunto de elementos que evidencia uma relação entre sociedade e natureza no meio rural. Neles, os visitantes se cercam de variados momentos de entretenimento e diversão associados ao recurso hídricos presentes na estrutura geológica de basalto do lugar.

Geografia física da paisagem vale do Cedro: uma breve apresentação

O rio Cabeleira, em Rio Verde, está localizado na região do distrito de Riverlândia, sendo que suas principais nascentes estão nas proximidades da serra Confusão do Rio Preto, no limite com o município de Quirinópolis – cabe salientar que essa drenagem é um subafluente do rio Paranaíba. Segundo Flauzino et al. (2010, p. 78), a bacia do Paranaíba:

[...] é a segunda maior bacia da região hidrográfica do rio Paraná com uma área de 222.767 km². A nascente do Rio Paranaíba situa-se na mata da Corda, no município de rio Paranaíba/MG, e sua bacia de captação abrange parte dos estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Essa grande bacia do centro-sul brasileiro está inserida na unidade morfoestrutural denominada por áreas de planaltos e chapadas da bacia sedimentar do Paraná, dentro da subunidade morfoescultural do planalto setentrional da bacia do Paraná. De acordo com a AGMA (2005, p. 4), o rio Paranaíba nasce na serra da Mata da Corda a uma altitude de 1.140 metros. Dessa região até se encontrar com o rio Grande, percorre uma extensão de 1.120 km.

O bioma predominante encontrado na bacia do rio Cabeleira é o Cerrado, mas está bastante degradada, pois o agronegócio, com suas imensas lavouras, tem reduzido essa vegetação a pequenos espaços. O Cerrado, segundo maior bioma brasileiro, é:

[...] um mosaico de formações vegetais que variam desde campos abertos até formações densas de florestas que podem atingir os 30 metros de altura. A cobertura arbórea e a densidade de árvores podem variar bastante entre as fisionomias, mas se observa um gradiente de valores entre as áreas campestres e as áreas florestais (AGUIAR; CAMARGO, 2004, p. 17).

Dada a localização geográfica na bacia do Rio Paranaíba, AGMA (2005) e Santos (2010) caracterizam geologicamente essa região da seguinte forma:

[...] está inserida na bacia sedimentar do Paraná, com uma estrutura rochosa do tipo intracratônica, constituída por uma sequência de rochas sedimentares e derrames de lavas basálticas, registrando em seu interior espessuras superiores a 5.000 metros, representando, portanto, uma ampla paleotopografia depressiva, preenchida durante sucessivos períodos geológicos. Nesses aspectos geológicos, é possível verificar regionalmente as principais unidades litoestratigráficas, englobando importantes formações rochosas distintas (AGMA, 2005, p. 26; SANTOS, 2010, p. 106).

Nesse caso, a bacia do rio Cabeleira está inserida em paisagens de basalto (Foto 02), geologia caracterizada por Guerra (1978, p. 55) como rocha efusiva de cor escura, pesada, tendo como minerais essenciais o piroxênio augítico e os feldspatos calcossódicos (plagioclásio), como a labradorita e a anortita. A decomposição do basalto faz com que apareça uma argila de coloração vermelha, dando geralmente solos férteis que são comuns em algumas regiões como o vale do Cedro, em Rio Verde.



Foto 02. Mostra a geologia local, os basaltos na cachoeira vale do Cedro.

Fonte: Trabalho de Campo. Autor: Vieira Santos, J. C. 2014.

Grandes partes das cachoeiras regionais estão nas paisagens de basaltos, caso específico do vale do Cedro, como mostra a fotografia de número dois. A promoção de qualidade de vida aos moradores e visitantes passa pela conservação dos recursos naturais a partir de práticas adequadas da atividade de lazer no lugar, contrapondo-se ao método devastador da natureza ocorrido pelos avanços tecnológicos, aliados a uma monocultura agrícola mal planejada nos últimos anos.

Apontamentos sobre o trabalho de campo na Cachoeira Vale do Cedro

Inicialmente, pode-se dizer que o desenvolvimento de trabalhos de campo por parte de professores da Geografia e de outras áreas do saber científico dos Ensinos Fundamental, Médio e Superior é importante para a aprendizagem e permite uma oportunidade “[...] de construir o conhecimento a partir da realidade observada” (SCHAFFER, 1999, p. 84).

Veloso (2007, p. 17) define o empírico como visita técnica que é, com certeza, o melhor ensinamento teórico e prático, sendo que:

A aparelhagem para a realização da visita técnica deve se basear no empirismo e na racional (real) conjuntamente, ou seja, no que é visível e formal e no que é contado e certificado (demonstrado, legítimo). Como o próprio termo diz: Visita (vistoria, inspeção, ato ou efeito de visitar, de ver, por dever, por interesse ou por curiosidade) e técnica (maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo), mostram,, dessa maneira, a

presença científica ao mesmo tempo “processual e providencial” do conhecimento de determinado produto para estudos, curiosidade ou valorização pessoal.

Para o referido autor, o ato da visita técnica deve se basear no aprofundamento do conhecimento do objeto anteposto para estudo, análise e avaliação. Nesse sentido, Santos et al. (2010) escrevem que um estudo da observação de paisagens por meio da percepção se fundamenta, essencialmente, em como cada indivíduo percebe, reage e responde à sua interação em relação aos elementos do ambiente; logo, “[...] as respostas ou manifestações dos observadores são resultantes de percepções, processos cognitivos, interesses e motivações individuais” (SANTOS et al., 2010, p. 77).

Marques (2011, p. 24) destaca que o trabalho *in loco*, além de enriquecer a pesquisa com material ilustrativo e fontes primárias, permite ler a paisagem, especializar a investigação e decifrar/desvendar a problemática, desenvolvendo o trabalho e buscando respostas aos questionamentos levantados. Em alguns momentos do campo, o inesperado se impõe, fazendo-nos reavaliar o cenário posto para, assim, superar as barreiras da observação.

De acordo com Moura e Silva (2009), o preparo do trabalho de campo exige:

[...] um esforço alargado e apresenta desafios especiais para o professor e a universidade, fazendo-se necessários o planejamento, a sensibilização dos graduandos envolvidos, bem como as providências materiais (GPS, máquinas fotográficas, cadernos de campo, entre outros), contatos com hotéis, restaurantes e guias, e, finalmente, a produção de roteiros com as atividades a serem desenvolvidas (MOURA; SILVA, 2009, p. 9-10).

Essa obra ainda destaca que a pesquisa empírica deverá garantir abordagens interpretativas da realidade visualizada, quer seja um campo local, regional ou nacional. Na Geografia, Moura e Silva (2009, p. 16) definem a investigação de campo como excursões de campo, que são “[...] pesquisas que têm apresentado contribuições para o entendimento das relações socioespaciais produzidas pelo segmento e, com isso, uma melhor forma de uso do solo, do meio ambiente e dos diversos recursos humanos”. Para Oliveira e Bueno (2009, p. 49), a leitura das paisagens com potencialidades voltadas aos trabalhos de campo são importantes:

[...] para estudantes de Turismo, Geografia, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Técnico e diversas áreas do saber, pois comporta uma multiplicidade de ações e práticas educativas que tanto pode se dar no âmbito da própria área como na interação com outras, como é o caso da Geografia com a Biologia, Literatura, Arquitetura e outras que trabalham as diferentes paisagens.

Faz-se necessário destacar que a discussão conceitual está longe de se esgotar na pesquisa geográfica, pois há vários trabalhos produzidos por geógrafos e não geógrafos que nos levam a eleger apenas alguns conceitos e reflexões que estão expostos nas obras e literaturas com vertentes voltadas para a Geografia. Como o trabalho de campo é o foco deste artigo, é preciso fazer alguns apontamentos sobre o dia de campo realizado no vale do Cedro, nas proximidades do distrito de Riverlândia, localizado a 70 km da cidade de Rio Verde, região onde predomina o agronegócio em grandes propriedades.

A 7 km de Riverlândia existe um assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) denominado vale do Cedro, que diz respeito também à cachoeira do lugar. Nesse local, têm sido desenvolvidas algumas iniciativas em torno das atividades de lazer e turismo, sendo possível acessá-lo pela antiga rodovia sul goiano que não é pavimentada e liga a GO-164 à cidade de Rio Verde. Nos trabalhos de divulgação dos lugares de lazer e entretenimento desenvolvidos pelos gestores públicos e privados do município de Rio Verde, a cachoeira do vale do Cedro aparece como uma opção de visitação, com recepção realizada pelos assentados do lugar.

O trabalho de campo é um dos focos do curso de Geografia da UEG – Unidade Quirinópolis que realiza, todo ano, vários projetos com vistas a integrar o conhecimento de sala de aula ao empírico, ciente de que é sempre uma tarefa complexa diante das diferentes dimensões e escalas territoriais que exigem alternativas para superar as inúmeras lacunas. Por essas razões, a cachoeira do vale do Cedro (Foto 03) é destacada neste artigo.

Outro objetivo dos projetos de campo é a promoção da prática interdisciplinar entre os alunos do curso. Nessa perspectiva, são oferecidas atividades que proporcionam aos discentes, em conjunto com os professores, discutir conteúdos como o conhecimento geográfico; a questão agrária da pequena propriedade e o impacto da cultura canavieira no modo de vida, na economia do lugar; os impactos ambientais e

os reflexos do tempo atmosférico; o potencial atrativo e turístico; e a educação no campo.



Foto 3: Comércio no assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no Vale do Cedro. Assentamento criado em 2001. Espaço destinado à receptividade de turistas que chegam para aproveitar a cachoeira no lugar. **Fonte:** Trabalho de Campo. Autor: Vieira Santos, J. C. 2014.

Contudo, não é levado em consideração apenas o conhecimento teórico, como também a oportunidade de consolidar a teoria da sala de aula na prática do campo. Para finalizar o dia de campo, foram aplicados 60 questionários, buscando obter alguns conhecimentos locais e regionais dos acadêmicos.

Os resultados mostram que 51% dos alunos pertencem ao quarto ano, 23%, ao primeiro, 20%, ao terceiro e 6%, ao segundo ano do curso de geografia da UEG – Unidade Quirinópolis. O número maior de participantes dizia respeito a acadêmicos do quarto ano, o que justifica o maior número de pesquisados. Um desses estudantes de Geografia, inclusive, relatou, durante a aplicação dos questionários, que frequenta a cachoeira do vale do Cedro há alguns anos e acrescentou que cada visita é um momento novo de lazer, pois sempre tem uma novidade para ver no lugar, seja no contexto da geologia, da vegetação ou das relações comerciais locais.

Aproveitamos esse depoimento para entender a noção teórica dos visitantes pesquisadores sobre o conceito de cachoeira, em que 72% dos participantes do trabalho

de campo souberam definir um conceito para a beleza cênica. Segundo eles, já havia sido estudado o conceito nas disciplinas de Geologia e Geomorfologia, em que se destaca, principalmente, o autor Antonio Teixeira Guerra.

De acordo com Guerra (1978, p. 64), cachoeira é definida como “[...] queda d’água no curso de um rio, ocasionada pela existência de um degrau no perfil longitudinal deste”. Convém salientar que as causas da existência das diferenças de nível no leito do rio podem estar ligadas às falhas, dobras, à erosão diferencial e aos diques.

Apesar de grande parte dos acadêmicos frequentar as cachoeiras das microrregiões sudoeste e Quirinópolis, em Goiás, na busca de descanso, entretenimento e prazer de observação da paisagem, que são lógicas de lazer, 73% não souberam definir um conceito de lazer, embora a maioria dos sujeitos identificasse o lugar visitado como uma área de lazer. Talvez, esse dado se justifica por existir a disciplina Geografia e Turismo apenas como optativa no quarto ano, sendo que não é ministrada todos os anos do curso supracitado.

Nesse entremeio, para entender a importância do lazer em cachoeiras, é fundamental ressaltar as outras cachoeiras visitadas pelos acadêmicos. Diante disso, 47% assinalaram que visitam com frequência a cachoeira do rio São Francisco, no município de Quirinópolis, ao passo que 23% se fizeram presentes nas cachoeiras de Itaguaçu, no rio Claro, que dá nome a um distrito de São Simão, nos limites do município com Caçu – deve-se relatar que, segundo os estudantes, essa é a paisagem cênica de maior beleza e que apresenta a melhor infraestrutura de acolhimento.

Nos finais de semana, 17% frequentam a cachoeira do Jacaré nos limites municipais de Paranaiguara e Quirinópolis. Para alguns estudantes, 10%, a proximidade com o meio urbano quirinopolino favorece a visita às cachoeiras das regiões do Salgado e da serra da Confusão do Rio Preto. Além disso, 3% assinalaram conhecer as corredeiras e cachoeiras do rio Doce nos limites municipais de Aparecida do Rio Doce e Cachoeira Alta. Tais resultados revelam, então, que o lazer nessas paisagens hídricas, associadas à Geologia e à Geomorfologia, expressa um momento de relação dos sujeitos locais com o Cerrado, gerando uma intimidade com o meio.

Os pesquisados fizeram apontamentos sobre os problemas encontrados na cachoeira vale do Cedro, percebidos no lugar e no trajeto percorrido. De acordo com

52%, o maior problema é o lixo descartado por visitantes no local, comprometendo a qualidade do ambiente, a segurança, a beleza cênica ímpar, os valores paisagísticos do Cerrado e a renda dos assentados que exploram a lógica do lazer.

Para 31% dos entrevistados, falta sinalização turística, visto que não existem informações necessárias para que o visitante chegue com segurança à atração ora citada. Enquanto isso, 9% destacaram a falta de asfalto e 8%, a falta de divulgação nas emissoras de rádio, televisão e nos jornais regionais. Os dados estatísticos apresentados, dessa forma, mostram que não existe uma avaliação positiva para que os visitantes cheguem efetivamente ao lugar; porém, é importante lembrar que o aumento da demanda poderá provocar a perda de espécies, afetar a qualidade da água e degradar o patrimônio geológico, deixando de qualificar a natureza e a cultura de base local.

Considerações finais

As possibilidades de uso da cachoeira do vale do Cedro para pesquisa, lazer e diversão revelaram uma busca desencadeada pela necessidade de desenvolver práticas sociais, sentidos, sentimentos e relações com o meio. No entanto, sabe-se que, a partir dos apontamentos feitos neste artigo, é fundamental que professores e acadêmicos estabeleçam regras de conscientização e uso sustentável de áreas visitadas, colocando, nos projetos de campo, normas que determinem a obrigatoriedade de menor impacto às paisagens estudadas, principalmente respeitando as suas fragilidades.

Estudantes e turistas diversos que chegam a esse atrativo nas proximidades do distrito de Riverlândia, no município de Rio Verde, podem vivenciar diversas experiências, entre elas o lazer associado às belezas geológicas e ao Cerrado local. Pode-se dizer que o lugar proporciona múltiplas atividades de lazer, sendo que tal lógica, existente num ambiente marcado pelo agronegócio, permite que professores e acadêmicos analisem as transformações do espaço, as paisagens, os territórios e a conservação ou destruição dos elementos naturais nos locais citados.

Foi possível perceber, durante o campo no vale do Cedro, que as particularidades físicas de paisagens cerradeiras promovem transformações no modo de vida dos lugares e grupos sociais, nomeadamente nos ambientes das pequenas cidades. Isso se deve ao fato de atraírem pessoas com interesses específicos (pesquisadores,

estudantes e visitantes) que buscam frequentar o ambiente local, modificando a rotina dos lugares por meio de infraestruturas e serviços antes inexistentes.

Nesse caso, verifica-se que a atividade de lazer fortalecida pelas visitas de campo, se bem administrada, pode oferecer oportunidades de desenvolvimento pelo fato de levar benefícios econômicos às comunidades envolvidas. É relevante a implantação de uma política que vislumbre um planejamento integrado, compreendendo que somente possuir recursos naturais incomparáveis ou potenciais turísticos não é suficiente para o crescimento da atividade. Portanto, o turismo educativo/científico só poderá produzir benefícios sociais, econômicos e ambientais se for planejado e gerenciado por profissionais qualificados.

Os órgãos públicos e privados responsáveis devem, pois, eleger prioridades para as áreas de lazer e turismo localizadas nos espaços rurais das microrregiões de Quirinópolis e sudoeste em Goiás, evitando que lugares fiquem vulneráveis ou marginalizados. Faz-se necessário pensar nos recursos hídricos e paisagísticos do Cerrado, como forma de dinamizar as lógicas educativas de campo, sendo conscientes e apresentando objetivos sustentáveis. Por conseguinte, eles precisam se preocupar com a qualidade de vida dos moradores, a qualidade da água e a redução dos caudais nos rios e nascentes, além da redução de espécies nativas.

Destarte, o exagerado incentivo às práticas ligadas ao agronegócio e às culturas monocultoras tem solidificado uma aposta no rumo equivocado – não valorização das lógicas de base local –, sem perpetuar o apoio às atividades de base familiar e comunitária, como o exemplo estudado no vale do Cedro. Essa situação poderá agravar a perda da biodiversidade do entorno da cachoeira e levar ao abandono das pequenas atividades de lazer, agrícola e pecuária existentes, provocando, até mesmo, o despovoamento local.

Referências

AGMA. Agência Goiana do Meio Ambiente. **Estudo Integrado de Bacias Hidrográficas para Avaliação de Aproveitamento Hidrelétrico (EIBH) da região sudoeste goiana**. Caçu: Mais Verde; Engevix, 2005. 1 CD-ROM.

AGUIAR, L. M. de S.; CAMARGO, A. J. A. de. **Cerrado: ecologia e caracterização**. Brasília: Embrapa, 2004.

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

BRACONARO, F. **A Geografia da pesca – modo de vida e lazer na bacia do rio Araguari (MG)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2011.

BRANDÃO, C. R. **Memória e sertão**. São Paulo: Cone Sul, 1998.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FLAUZINO, F. S.; SILVA, M. K. A.; NISHIYAMA, L.; ROSA, R. Geotecnologia aplicada à gestão dos recursos naturais da bacia hidrográfica do rio Paranaíba, no cerrado mineiro. **Revista Sociedade & Natureza**, [s.l.], n. 22, abr. 2010.

GUERRA, A. T. **Dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

MARQUES, Luana M. **A Festa em nós: fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia – Uberlândia (MG)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2011.

MOURA, Poliana S; SILVA, Mirella L. Trabalho de campo nas paisagens turísticas do destino Canastra – Minas Gerais. In: SANTOS, Jean C. V. (Org.) **Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica**. Uberlândia: Composer, 2009.

OLIVEIRA, Francielle F. de; BUENO, Kamilla F. Estudantes turistas na cidade de Lagoa Santa (Goiás): das águas termais ao relatório de campo. In: SANTOS, Jean C. V. (Org.) **Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica**. Uberlândia: Composer, 2009. Capítulo 3, p. 45-56.

RODRIGUES A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

RODRIGUES, A. B. Turismo eco-rural: interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural. In: RIELD, M. et al. (Orgs.) **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas: Papirus, 2000.

SANTOS, J. C. V. **A criação do reservatório de Miranda e a (re)configuração das paisagens do médio vale do rio Araguari – MG**. Dissertação (Mestrado em

Geografia) – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2004.

SANTOS, Jean Carlos Vieira; FELTRAN FILHO, Antônio; MASSOCHINI, Leoni; COSTA, Adriano Gennaro; ASSUNÇÃO, Washington Luiz. Visita ao Deserto do Atacama – norte do Chile: olhares e percepções geográficas. **UEG em Revista**, Quirinópolis/Goiânia, n. 6, v. 1, dez. 2010.

SANTOS, J. C. V. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o lago de São Simão e a Lagoa Santa no baixo Paranaíba goiano**. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2010.

SANTOS, J. C. V. **Região e destino turístico**: sujeitos sensibilizados na Geografia dos lugares. São Paulo: Allprint, 2013.

SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Revista Sociedade & Natureza**, [s.l.], n. 11, jan./dez. 1999.

VELOSO, Marcelo Pereira. **Visita técnica**: uma investigação acadêmica. Goiânia: Kelps, 2007.

Recebido para publicação em abril de 2015
Aprovado para publicação em agosto de 2015